

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

IS IT POSSIBLE TO REFUSE THE CATEGORY WITHIN AFRO-PESSIMISM?

Caio Netto dos SANTOS¹

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Resumo: Este texto é derivado das discussões a respeito do Afro-Pessimismo e uma possível recusa da categoria. Nele a partir da fabulação crítica tento articular perguntas e provocações a partir de contradições internas de textos fundantes do conceito Afro-Pessimismo e como esses textos tentam negar exatamente aquilo que usam como base ontológica para seu pensamento: a categoria de raça. A partir dessa contradição entre negação e articulação ontológica presente em textos de diversas autoras e autores como Frank B Wilderson III, Saidiya Hartman, Calvin Warren e Hortense Spillers tento traçar os caminhos e possibilidades derivados dos curtos-circuitos epistemológicos produzidos para apresentar ao autor uma complexidade de pensamentos que escapam da leitura dedicada apenas ao livro Afro-Pessimismo de Frank B Wilderson III.

Palavras-chave: Afro-Pessimismo. Raça. Categoria

Abstract: This text stems from discussions concerning Afropessimism and a potential rejection of the category. Through critical fabulation, I seek to articulate questions and provocations arising from internal contradictions within foundational texts of Afropessimism, examining how these texts attempt to negate the very ontological basis of their thought: the category of race. By analyzing this tension between negation and ontological articulation in the works of scholars such as Frank B. Wilderson III, Saidiya Hartman, Calvin Warren, and Hortense Spillers, I trace the pathways and possibilities emerging from the epistemological short circuits they produce. In doing so, I aim to present the author with a complexity of thought that exceeds a reading solely focused on Frank B. Wilderson III's book Afropessimism.

Keywords: Afro-Pessimism. Race. Category.

¹ Coordenador da Escola de Marcenaria da Leo Social PROAC n45083. Doutorando em Arte e Educação no Departamento de Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho - IA UNESP. Mestre (2023) em Artes Visuais no programa de Processos e Procedimentos Artísticos da mesma universidade. Pesquisador na linha de pesquisa GIIP - Jogos, cAt (ciência/Arte/tecnologia) e no grupo de estudos GIRA - Grupo Interdisciplinar de Raça e Política do Departamento de Ciências Políticas da USP – E-mail: ettoito@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0157-7456>.

Introdução

O presente texto é derivado da palestra de mesmo nome ministrada na disciplina "Tópico Especial em Sociologia X: A Crise das Crises da Sociologia Ocidental" de Ana Motta e atravessada por conversas, provocações e discussões que se originaram com membros do grupo "Apoio Mútuo" de Jean Tible, ao qual também agradeço pelas observações, convites e provocações a respeito dos temas e debates que pesquiso e nos atravessam mutuamente.

Sem dúvida nenhuma, este texto não poderia existir sem as perguntas que o circunda, e por causa disso ele será escrito a partir delas e com elas. Seguirei como metodologia uma certa fabulação crítica a respeito dos autores articulados aqui, que dialogam em algum nível com o que determino como Afro-Pessimismo.

Esse texto também é atravessado por minha pesquisa de doutorado - ainda em desenvolvimento - onde discuto como as escolas para o trabalho no Brasil (o que hoje chamaríamos de escolas técnicas) produzem não apenas uma distinção entre a classe proletária e a classe burguesa como nos ensina a sociologia da educação (Bourdieu, 2007; Apple, 2024), mas como a escola também produz a raça que muitas vezes é obscurecida na leitura sociológica (paulista) pela categoria "classe" como podemos ver em uma nota de rodapé na introdução do livro Trabalho e Vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil (2019) de Lúcio Kowarick quando o mesmo diz que "Daqui para frente a utilização do termo 'livre' (homem, indivíduo, população, pessoa) incluirá o contingente dos libertos" (Kowarick, 2019, p. 17)².

A nota de rodapé poderia ser verdadeira se *hoje* tivéssemos um contingente populacional igual de negros e brancos - descendentes desses trabalhadores livres que foram postos sob uma mesma condição social (classe) dentro da teoria que desconsiderou a cor de pele - nos mesmos locais e com as mesmas possibilidades, ainda que em maior parte sejam todos proletários podemos distinguir e delimitar muito bem os espaços urbanos ocupados, as atividades culturais acessadas, as ofertas de emprego destinadas, a capacidade de deslocamento individual e enquanto grupo, as ofertas curriculares na educação, a participação ativa na vida política, ou

² Um trabalho crítico interessante direcionado ao uso de raça pelos sociólogos (especialmente do que se chama "popularmente" de sociologia paulista) é o capítulo "Raça, Cor e outros conceitos analíticos" de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, publicado no livro "Raça: novas perspectivas antropológicas" (2008) organizado por Osmundo Araújo Pinho - que diga-se de passagem possui ampla produção em diálogo com o termo e perspectivas Afro-Pessimistas - e Livio Sansone, publicado pela UFBA em formato digital.

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

como alvos potenciais da violência - ou proteção - policial entre tantos outros índices que as pesquisas mais contemporâneas de sociologia nos mostram quando raça opera na leitura para além de classe.

Porém também tenho consciência de que se é a raça que opera como diferencial social entre pessoas de um mesmo grupo, não é através da afirmação dela que virá a superação, mas apenas com a sua destruição uma vez que não existe racismo sem a raça³. Nesse sentido temos uma fórmula fácil: se a raça produz racismo não bastaria deixar de articular a mesma no nosso cotidiano? Mas, como fazer isso? Como realizar essa pergunta em um mundo onde sabemos exatamente quem são as pessoas negras e brancas automaticamente - mesmo as que estão na zona cinza entre essas cores? Quando o processo racial é antes de tudo *gestáltico* e ocorre em um momento anterior à racionalização, a partir do contraste? Identificamos e dividimos as pessoas por suas cores, fomos construídos e educados nesse sistema: como quebrar ele? Talvez aqui seja um dos principais pontos para o (Afro-)Pessimismo.

Fanon (2021, p. 85) nos indica o pré-racionalismo do racismo quando nos diz no artigo Racismo e Cultura que “o fim do racismo começa com uma súbita incompreensão” pois além de interior é estruturante no nível menos acessível da nossa mente, e a quebra com o racismo é também a quebra de leitura do mundo, é também a quebra da compreensão pois ele estrutura nossa mente, então, poderíamos algum dia nos livrar da categoria da raça? E a pergunta é exatamente essa a qual de alguma forma vejo na conclusão de *Pele Negra Máscaras Brancas* (2023) onde a cor de pele seria também sua prisão de leitura de si para além da leitura de mundo, elaborando juntamente a Merleau-Ponty:

O negro, em determinados momentos, fica enclausurado no próprio corpo. Ora, “para um ser que adquiriu a consciência de si e de seu corpo, que chegou à dialética do sujeito e do objeto, o corpo não é mais a causa da estrutura da consciência, tornou-se objeto da consciência” (Fanon, 2023, p. 236).

Assim, de estrutura para objeto, não podemos mais nos ver como algo que se libertará, senão a partir da própria obliteração e negação dessa categoria, o problema a meu ver é que isso

³ Aqui inverteo a equação de Cedric Robson defendida no primeiro capítulo *Marxismo Negro* (2023) onde o autor constrói toda uma história do racismo processo social a partir da disputa entre grupos étnicos europeus anteriores à colonização. O que o autor levanta é que a existência de grupos com ideais e culturas diferentes já é uma elaboração racial dada antes da formação da raça como critério de expropriação econômica como foi articulada durante a colonização.

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

é possível na dimensão individual, mas enquanto à dimensão social? Enquanto a leitura sobre o outro? Enquanto a relação de humanidade que só pode existir a partir da produção de seu Outro (Sueli Carneiro; B Wilderson III) como uma negação de si?

1. Um breve parecer do conceito

O ponto inicial para a discussão é estabelecermos que o Afro-Pessimismo *não é* uma escola, não possui uma metodologia própria e não é uma vertente de pensamento - como o *Black Studies* - senão uma tentativa e possibilidade de encaixar diversos textos de autoras e autores negros em um certo “espírito” da época que debatia com o que vinha sendo discutido anteriormente dentro dos próprios movimentos raciais - movimentos civis, integração do negro no sistema político, institucionalização da negritude - ao mesmo tempo que também não via um horizonte futuro possível a partir dos termos estabelecidos. É um momento que esses autores negros vão olhar para os movimentos dos anos 60 principalmente e vão perceber que esses movimentos dos anos 60 não dão conta da experiência negra porque os movimentos estão pensando em uma assimilação do negro ao Estado. Talvez assimilação seja até uma palavra até perigosa. Eles estão pensando em um reconhecimento. Os movimentos civis são importantes, porque as pessoas negras não estavam sendo reconhecidas pelo Estado, nem mesmo como sujeitos, de fato o racismo estava institucionalizado nos Estados Unidos - assim como na América.

Afro-pessimism departs with this understanding and illuminates the limits and failures of the Civil Rights and Black Power movements, such as their reformist ideologies concerning progress and their disastrous integration with bureaucratic machinery (Afro-Pessimism, 2017, p. 10).

Mas o que o Afro-Pessimismo vai trazer à tona é que apostar no Estado também não vai ser uma solução. E o que há de comum nesses autores todos é que eles vão apontar ao fato de que o negro não é sequer humano para o Estado e para as suas instituições, porque é antes de tudo um dos corpos possíveis de serem mortos, serem obliterados, serem aniquilados, sem ter uma crise ética como a Denise Ferreira da Silva (2022) vai teorizar alguns anos depois, falando que o problema é que a morte de pessoas negras não gera crise ética.

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

A meu ver, é precisamente aí que mora a potência do termo, um pessimismo no próprio estabelecimento da raça da qual a teoria se baseia, um olhar para o que sempre acreditou e ver a impossibilidade de concretização, um aviso, uma testemunha de seu próprio fim, uma apostasia, a desistência de sua própria fé. Algo autodestrutivo porque sempre-já implosivo da instituição onde se localiza (seja a instituição raça enquanto identidade, seja a instituição universidade onde os textos são divulgados, mas onde também encontramos os braços e alimentos das políticas estatais que mais remediam do que de fato alteram suas estruturas) - e que por isso mesmo, também se torna contraditório.

Dessa forma, penso o Afro-Pessimismo como um termo sempre em movimento que se desloca de um momento conceitual proposto e executado por alguns autores e autoras negros e negras estadunidenses dos anos '90 e 2000 para uma ferramenta atualizante - e sempre articulável - onde uma visão pessimista de futuro possa ser articulada a partir do recorte racial.

Apesar do livro de Frank B. Wilderson III chamado Afro-Pessimismo e apesar de ele ser o principal nome associado ao uso desse termo, vou usar de certa licença poética para pensar o termo aplicado a outros textos e autores, mais contemporâneos, que atualizam a discussão e acredito contribuirão para a crítica central do termo: uma impossibilidade de futuro a partir da raça (ou de outras categorias).

Importante ressaltar que sempre irei indicar quando a associação do autor com o Afro-Pessimismo for feita por mim a partir dos critérios que citei anteriormente - crítica ao anterior e impossibilidade de futuro a partir de uma categoria de identidade - e quando há um diálogo entre texto e termo marcado e referido por parte dos próprios autores.

Acredito ser importante ressaltar que meu primeiro - e mais duradouro - contato com o termo seja através do livro *Afro-Pessimism: An Introduction* (Afro-Pessimism, 2017) que é uma coletânea de textos de autores negros e negras do período citado e que são muito citados pelo Frank B Wilderson III no seu livro, há algo de interessante em olhar para esses textos e perceber o “espírito” do tempo que citei, entender com quem havia diálogo, e como a desesperança, ou uma certa “cara quebrada” acontecia em todos os textos dos autores que se deparavam com algum problema racial dentro do que havia sido prometido pelos seus antepassados, novamente, uma falha dentro da própria teoria que se torna exposta, é como se todos os textos comessem pela conclusão, pelo que foi encontrado, pelo que deu errado e como podemos lidar ou abandonar isso.

O prefácio do livro, por exemplo, começa com o seguinte relato:

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

In June 2017, a Black off-duty cop was coming to assist some other officers but as he approached them, the other cops, who were white, just saw a Black man coming toward them and shot him. One of the cops later justified this action by saying that he apparently “feared for his safety.” The Black cop’s lawyer said of the case that his client was “treated as an ordinary black guy on the street.”

Thinking about this incident, it appears that the Black cop seamlessly moves from being a force of structural white supremacy (as a uniformed cop) to being shot just for being Black (Afro-Pessimism, 2017, p. 173).

Semelhante aos outros textos do livro o relato elabora como o corpo negro sempre-já é ampliado e reduzido simultaneamente em relação à sua cor, a posição social do homem negro é reduzida por ele ser negro, não importa quem ele seja, mesmo que seja o braço do estado responsável por matar pessoas negras - isso, e nenhuma outra coisa, o protege - ao mesmo tempo que sua cor de pele, antes reduzida por seu trabalho enquanto policial é amplificada para justificar a violência. O tempo todo o Afro-Pessimismo nos lembra e avisa que há um binarismo social elaborado entre o culpado e a vítima, entre o ser e o não ser, entre quem domina o discurso teórico e prático e quem, quando muito, consegue retrucar apenas com o prático. Como elaborado e sempre posto por Frank B. Wilderson III (2021, p. 237), que “pessoas brancas são a polícia”

Importante ressaltar, e agora contextualizar um pouco que o livro “*Afro-Pessimism An Introduction*” teve uma pequena parte de seus textos traduzidos para o português sob o nome “Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaios”. Existem três coisas que gostaria de ressaltar brevemente sobre essa tradução (i.) a primeira que nem todos os textos foram traduzidos, talvez por direitos autorais, talvez por uma editoração de recusa a certas ideias nos textos retirados, uma pesquisa sobre esse movimento me parece um campo frutífero para discutir relações entre as teorias raciais e projetos epistemológicos de grupos muitos específicos entre Brasil e EUA, o que também vale informar que incluíram um texto de Denise Ferreira da Silva na tradução ampliando o debate entre os textos e possibilidades tanto no inglês original quanto nos textos em português, para fins de comparação a tradução diminuiu de 8 para 4 textos mais o de Denise Ferreira da Silva, ou seja, menos da metade dos textos traduzidos; (ii.) na tradução removeram o termo central, Afro-Pessimismo, e colocaram Pensamento Negro Radical, que novamente pode ser uma questão de direitos autorais ou de editoração, mas o que ao meu ver é interessante discutir é que essa mudança ao mesmo tempo que eleva e reconhece a potência radical dos textos em inglês, também recusa o pessimismo e pode acabar ocultando

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

ou confundindo o uso do termo *pessimista* especificamente, uma vez que a raça continua operando mesmo no título novo e; (iii.) o subtítulo “antologia de ensaios” semelhante ao segundo ponto pode ao mesmo tempo mostrar a potência ensaística e experimental do pessimismo ao mesmo tempo que ao colocar na categoria de ensaios também pode ser lido como algo “menor” dentro da hierarquia acadêmica de textos.

Bom, esses três pontos são, antes de tudo, provocações do que de fato estabelecimentos ou acusações do que aconteceu ou deveria ter acontecido, não é um julgamento moral sobre a editoração ou negociação de direitos autorais dos textos, mas sim uma tentativa de entender as contradições internas do processo removendo-o do bem/mal muitas vezes elaborado sobre a raça e teorias raciais.

O que vale ressaltar é que os quatro textos escolhidos para a tradução fazem, cada um à sua maneira uma impossibilidade da raça como produtora de salvação e apostam em outras leituras possíveis, por exemplo, *Bebe da Mamãe do Papai*: uma nova gramática estadunidense de Hortense Spillers é um texto que abre diversas portas questionando herança, gênero, sujeitos e sobretudo indicando como a *carne* é a matéria-prima básica significante do corpo negro, antes mesmo de ser corpo, ter gênero ou ser negro ou sujeito, o que se lê nesses corpos é que há uma matéria-prima básica, que é fungível tal qual qualquer mercadoria, seja no período escravocrata ou no contemporâneo; Em *Vênus em Dois Atos* que para além de tentar reescrever a história impossível de duas meninas que dividiram o mesmo espaço na travessia atlântica da escravidão Hartman nos pergunta a quem interessa reescrever essa história que sempre vai se deparar e reproduzir a violência colonial: para nós (que buscamos uma redenção na raça e na recuperação histórica do período escravocrata) ou para elas (as meninas encarceradas e reduzidas a cifras em livros caixa)? A quem e por que interessa olhar o arquivo que já sabemos que só vai mostrar os cadáveres açoitados dos corpos negros escravizados?

Os textos colaboram para a ideia de que independente do que seja feito, será a raça a articuladora, justificadora e autorizadora da simples violência (Carneiro, 2023, p. 61) sobre corpos negros que resulta no assassinato dos mesmos e ainda que o leitor preocupado e envolvido nos estudos raciais pense na teoria de Fanon sobre “morte em vida” (Fanon *apud* Gayão, 2020, p. 194) é importante ressaltar que estamos lidando aqui com uma morte absoluta, a obliteração total do ser - que inclusive ultrapassa o evento próprio da sua morte como mostra Hartman, ressuscitando corpos para matá-los novamente - e sobre o qual, sem a produção de morte não é possível produzir ou consumir a carne. O que as autoras advertem então é que não

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

é *na raça* que encontraremos a solução, pois é a partir dela própria que se justificam as violências que causam (Spillers, 2021) e reproduzem a morte (Hartman, 2021), mesmo que nosso desejo vá em contramão.

Ou seja, é como se a ontologia do corpo negro fosse a partir dessas perspectivas a própria morte que encerra o corpo e assim encerra o processo ontológico uma vez que a coisa não existe mais, é como se essa fosse a chave inicial para o reconhecimento e leitura de um corpo sempre-já obliterado e sempre-já encerrado em si próprio.

Um corpo que sofre uma violência gratuita deve ser também um corpo removido da equação da ética/moral da sociedade e do jogo jurídico, removido do jogo exatamente por que aqueles que o assassinaram já estão amparados pela desculpa de que era uma ameaça em potencial, ou oferecia risco, ou se parecia com algum procurado (que coincidentemente são em sua maioria negros), ou estava no bairro violento, como se bairros pudessem pegar em armas e assassinar pessoas, que foram atravessados por balas perdidas que sempre acertam corpos de uma mesma cor, etc. Isso tudo causa a supressão da ferramenta ético-jurídica que é articulada para culpabilizar, os assassinos demoram para ser identificados, ainda que se saiba o lote das suas munições, a placa dos seus carros e as gravações de onde estacionaram após os crimes. Ou seja, ao mesmo tempo que a ferramenta é utilizada como culpabilizadora ela também é suprimida de acordo com a cor de quem ela está sendo aplicada.

Se a ferramenta descritiva/moral/jurídica/ética funciona sempre produzindo culpa e obliteração de um certo corpo, como domínio do mesmo desde a menor violência do apelido até a morte em si Hortense Hartman vão nos lembrar que sempre que tentamos descrever ou representar algo associado a essa equação produzimos uma crise da representatividade que é imagética - mesmo quando escrita - sempre reencenando a violência contra esse corpo negro por que nos valem e comunicamos em cima de uma linguagem estruturada pelo racismo.

Se a gente descrever as coisas que aconteceram essa semana na cidade de São Paulo⁴ a gente vai ter que falar sobre trabalhadores e trabalhadoras negras assassinadas pela polícia, por razões extremamente absurdas (porque injustificáveis, senão pela supressão da ferramenta

⁴ Por mais que a fala seja relativa à semana em que a palestra foi feita em dezembro de 2024, os acontecimentos raciais são constantes e podem acontecer repetidamente de forma que, mesmo em uma leitura futura, a pessoa que se depara com esse texto entende que os eventos são contemporâneos a ela., uma vez que a violência racial atravessa a escala temporal e é constantemente reencenada a partir de uma perspectiva exterior ao tempo histórico enquanto disciplina pois ela não depende de um fator anterior e está sempre-já inscrita nas relações. Para mais referência a esse assunto ver o artigo *O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo*, de 2016.

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

ética). Não que exista uma razão que justifique o assassinato policial, porque esta também depende da articulação - que eu chamo de supressão - do mesmo aparato a seu favor.

Hoje tivemos a denúncia de que crianças foram mortas por um delegado de polícia porque elas avisaram que a seta do carro dele estava ligada e como ele não entendeu isso, ele atirou contra essas crianças na rua. E é isso, independente das palavras que eu escolha para descrever essa situação ela vai se resumir sempre a esse ponto, corpos negros sendo reduzidos a uma carne fungível, pertencente a todos e podendo ser violada por todos, inclusive por mim que escrevo dentro dos limites da descrição e para quem lê e reproduz, sem nenhum problema visual, essa imagem em sua mente. Isso demonstra que existe uma crise do Afro-Pessimismo que é o fato de não ser possível falar sobre violência sem reproduzir violência, logo se a gente não consegue falar sem reproduzir uma leitura crítica da raça que pensa novas possibilidades existenciais sempre vai passar por aquilo que ela mesma critica, mais uma vez, a raça falha como descritivo desses sujeitos e como categoria de análise.

Tanto o texto de Hortense quanto o de Hartman possuem muros aos quais não conseguimos transpassar, nos frustram e demonstram o pessimismo que os coloca na coletânea citada, mas também apresentam uma radicalidade com o que veio antes, uma radicalidade com o próprio movimento negro e com a própria impossibilidade de pensar raça como categoria emancipadora.

Por isso também são textos que considero recusarem a própria categoria racial apesar de evocar ela, apesar de pensar através da raça, não há neles um desejo de afirmação da mesma nem uma promessa de salvação, senão de superação - trabalhar com e contra o arquivo no caso de Hartman e produzir uma nova gramática no caso de Spillers - que geram contradições originais aos estudos negros norte americanos e às quais Calvin Warren complexifica no texto “Onticídio: Afropessimismo, Teoria Queer e Ética”, traduzido em 2021 por Matheus Araujo dos Santos.

2. Teorias pares

A partir dos textos que dão a base da antologia e do livro Afro-Pessimismo de Wilderson, Calvin Warren vai tentar provocar a própria noção do termo a partir dele próprio, colocando em jogo algumas coisas que não estavam evidentes, mas que constroem a teoria a partir da provocação dos movimentos *queers* mais insurgentes e insubmissos.

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

Antes de vermos Warren talvez seja interessante pensar que se olharmos apenas para a raça deixaremos de lado diversas discussões que a atravessam e reproduzimos exatamente aquilo que criticamos - a centralização das violências sobre uma mesma categoria - ainda que Whindersson reduza as violências sociais como derivadas da violência racial que seria a violência original, podemos também levantar algumas questões para essa ideia.

Para introduzir essa discussão gosto de evocar o livro “A gente é dahora” de bell hooks (2022), nele, a autora dialogando diretamente com homens negros evoca diversas vezes a posição familiar à qual o homem (negro) deve assumir: pai, como uma forma de lutar contra um preconceito produzido socialmente e reforçado pelo Estado⁵ que vê o homem negro sempre como aquele que não tem responsabilidade, abandona os filhos, explora suas vantagens na divisão sexual do trabalho, é vadio, só aparece em casa para dormir pois passa o resto do dia na rua após o trabalho, etc. Ainda que possamos sim defender a posição de que os homens negros devem estar mais alinhados às famílias que escolheram formar na sociedade, essa ideia ainda é um apelo à noção nuclear familiar, ainda é um apelo a “ser comportado” segundo os olhos do Estado e a partir os enunciados éticos que regem as estruturas familiares, sejam eles em instâncias jurídicas ou sociais⁶. E é meio questionável que hooks precise fazer isso para só depois questionar o que é “ser homem” ou o que é “constituir família” segundo esses termos de dominação e controle social presentes indiretamente na estrutura familiar.

Ou seja, precisa reafirmar a família basilar, a unidade familiar, para depois pensar como ela se rompe no pensamento e na vivência negra. Isso é meio bizarro, ao meu ver, pois nem é um ponto de partida para a Hortense Spillers ao discutir a herança no texto já citado ou para Rita Segato ao discutir o Complexo de Édipo negro, evocando e rompendo quase instantaneamente a noção de família quando raça entra na operação, obviamente minha ideia aqui não é defender que os homens negros não tenham responsabilidade afetiva com suas esposas e filhos, mas provocar o motivo pelo qual temos que resolver isso - no texto e na prática

⁵ O principal expoente de relatórios sobre famílias negras é o relatório Moynihan, que dizia, entre outras coisas, que as mulheres negras expulsam os homens de casa por serem muito independentes, reproduzindo certa masculinidade e assim deturpavam a noção tradicional de família dos Estados Unidos. Spillers se debruça sobre esse relatório e algumas implicações dele no artigo citado aqui e Hartman explora os dados desse relatório e dos posteriores encomendados pelo governo americano em *Vidas Rebeldes Belos Experimentos* (2022).

⁶ Ainda que a instância jurídica faça parte do processo social de viver em sociedade, faço a distinção aqui e em outras partes do texto a respeito desses termos para destacar que a relação racial é elaborada tanto em instâncias éticas mais “sérias” como um julgamento, uma ordem de prisão ou assassinato, ela também é articulada da mesma forma - ainda que em menor intensidade - nas relações cotidianas das conversas entre parentes, encontros entre amigos, ida ao trabalho, etc.

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

segundo o livro de bell hooks (2022) - para pensar em outro assunto ao invés de ir direto à problemática. Mas talvez isso se dê exatamente pela falta de gramática daqueles que não precisavam romper com a família, ou que apostaram na família como estrutura segura para enfrentar o mundo e ter para onde retornar.

É nesse ponto que identifico uma potência nas teorias *queers*, ao romper ou “ser rompido” da unidade básica de segurança e estrutura da sociedade (família) aprendemos com o movimento *queer* que podemos e precisamos buscar novas gramáticas e possibilidades a partir de nossas próprias ferramentas, experimentações e erros na vida. Ainda que não seja um autor *queer* importante lembrar que na conclusão de Condenados da Terra, Frantz Fanon (2022) escreveu que o povo africano deveria buscar seus próprios moldes de governo, sem se basear em modelos europeus, podendo assim experimentar seus erros e buscar novas formas sociais a partir de suas próprias bases e necessidades.

Para Warren (2021) é exatamente essa possibilidade de romper com a base da sociedade - estar sempre à margem - que possibilita que ela desenvolva sua própria gramática de denúncia da violência, mas ao mesmo tempo faz o alerta de que ela só tem essa gramática porque ela é, em algum nível, reconhecida como uma quase-humanidade, ou uma humanidade no seu próprio limiar. Enquanto o corpo negro seria uma recusa total do humano, não-humano, o objeto necessário para se afirmar a existencia de um polo oposto (Afro-Pessimism, 2017; Wilderson, 2020; Warren, 2021).

E ele só é um quase-humano porque ele é uma elaboração social dos desejos reprimidos. Ou seja, é no corpo queer, no corpo lésbico, gay, não binário, andrógono, que se deposita muitas vezes os desejos escondidos da sociedade. Essa perspectiva é facilmente localizada em diálogo com a Teoria dos Monstros de Jeffrey Jerome Cohen (2000). Onde ele vai falar como esses corpos dissidentes, que pode ser o corpo da mulher, o corpo negro, o corpo queer, são corpos que são transfigurados em monstros pela mídia para lidar com esse desejo social reprimido.

Mas qual é a contribuição do Calvin Warren com e contra o Afro-Pessimismo e as teorias *queer*? Se o pensamento negro não dá conta da gramática, porque ele sempre reproduz a violência necessária para excluí-lo da humanidade, no pensamento queer a gente tem um outro problema que é o fato desse pensamento precisar flertar com a dimensão ética. Porque é quase-humano e não a não-humano.

Só que como já vimos a dimensão ética não funciona para o sujeito negro. Então produzimos nessa relação um curto-circuito do pensamento, que é: como pensar um corpo negro

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

gay? Ou, expandindo para a crítica ao texto de bell hooks e outros textos que se baseiam nos ideais familiares: como pensar um corpo inserido em uma estrutura ética uma vez que a mesma ética vai ser a significante de exclusão desse corpo do jogo social? Na perspectiva de Warren essas coisas “se anulam”, porque por mais que estejam na margem da sociedade e do pensamento social uma depende da negação e a outra do “quase lá”, da promessa de que um dia será aquilo que ela quase se relaciona.

Uma das pistas oferecidas pelo autor para pensar o corpo negro e outras categorias juntas é a ideia de violência excedente: aquela que tenta ultrapassar a violência que produziu o assassinato sobre o corpo já morto, ou seja, a violência que se produz propositadamente sob o cadáver.

É por isso que muitos corpos indígenas, negros, gays, travestis, trans, são incendiados, são dilacerados, recebem algum tipo de inscrição na sua própria ossada (Warren, 2021, p. 178), porque a questão não é apenas negar a humanidade àquele corpo negro pela morte dele, é também expurgar a quase-humanidade que também atravessa seu corpo desse quase lugar, é delimitar a fronteira onde esse corpo habita, uma dupla negação, primeiro da vida de quem é morto, e depois a negação da vida na mente de quem mata.

Veja, talvez seja necessário fazer uma provocação aqui se essa violência excedente não é a mesma que Hartman - e nós - produzimos ao olhar e descrever o que vemos no arquivo e nas mortes negras uma vez que não existem violências diferentes e elas são em si a mesma coisa apesar das intenções que as produzem serem diferentes.

Matar não é suficiente. É tentar destruir o próprio desejo que levou a essa destruição. É nesse lugar que Warren está trabalhando. Para explicar essa denúncia, juntamente a violência excedente ele também vai diferir a liberdade que é ontológica (Warren, 2021, p. 173) e se define pelas capacidades do corpo de fazer o que quiser, ou seja, aquela que nunca foi atingida pelo pensamento moderno descritor e limitador da vida e das possibilidades do sujeito, em contraste com uma liberdade contingente política (Warren, 2021, p. 173) que é essa liberdade pensada pelo sistema francês, pela Revolução Francesa, pelos regimes e sistemas políticos, que se resume naquilo que eu posso fazer dentro das normas de um Estado ao qual eu me localizo.

Assim a liberdade contingente política é totalmente falsa em relação à noção popular de liberdade e ao mesmo tempo é a única a qual nos é permitido experimentar. Por mais que o sistema francês brandasse por liberdade (fraternidade e igualdade) ela não se realiza porque ela já está inscrita em nossas mentes dentro de limitações e barreiras de bem-estar social.

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

Essa falsa equivalência é evidenciada quando racializamos o corpo, os limites que levantei anteriormente são aqueles descritos para os corpos normativos (brancos, heterossexuais, cis, etc.), mas quando aplicamos raça, gêneros cis e não cis e sexualidade nesses mesmos corpos essa liberdade contingente se reduz a uma abstração que é determinada, mediada e autorizada pelo produtor da violência excedente. Seja um policial que mata por se defender de alguém que por ser negro é uma ameaça em potencial em um espaço que o policial diz não ser comum de ver pessoas negras, seja no homem hétero cis que mata a amante por ser trans, ou no médico que mata a esposa grávida por ser negra, em qualquer um desses exemplos a violência excedente vai se configurar por uma dupla negação do corpo que ousa escapar dos limites da liberdade contingente.

O nome liberdade política se justifica pois o corpo que não atende à expectativa social, logo política, de ocupação deve ser lembrado do que ele está fazendo de errado, ainda que o corpo assassinado não possa mais revidar ou tomar uma postura diferente, ele se torna um corpo sempre ressuscitado para lembrar aos outros quais os limites que eles nunca devem ultrapassar.

A soma da violência excedente com a liberdade contingente vai ser o que Warren vai nomear como Onticídio, para além de um genocídio (exterminação de uma população) ou se um epistemicídio (exterminação de um modo de pensar), o Onticídio vai se caracterizar pela tentativa de extermínio da própria maneira de ser, do próprio corpo experimentando sua existência no mundo que exatamente por ser experimentada não se captura por nenhuma categoria e mesmo que se configure e possa ser lido a partir de algumas chaves, são exatamente essas características que são operadas socialmente para justificar suas mortes e tentativas de extermínio.

Enfim, a última categoria do Calvin Warren (2021, p. 176) é humanidade, para ele para adentrar e afirmar a humanidade nós precisamos reproduzir práticas que limitam a nossa humanidade ontológica - que seria a liberdade inicial - entendendo que o humano só é livre enquanto esse lugar contingencial, enquanto ele atende a certas categorias de o que é ser sujeito: ter um sexo específico, ter um gênero específico, ter um trabalho específico, ter uma casa, uma cor, um salário, conseguir pagar, não ser pobre, ter educação...

Ou seja, a humanidade é um grande paradoxo, ser humano não é experimentar seu corpo e as possibilidades, mas atender a certas imposições sociais as quais me parece que o movimento negro não questiona de início e as quais me parecem latentes e sempre em jogo nas teorias *queers*. Enfim, esse texto de Warren funciona como uma denúncia dessas coisas que nos

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

passam despercebidas quando vemos textos como o de bell hooks que evoca a necessidade do homem de se encaixar nos limites impostos para o corpo masculino cis na sociedade, obvio que aqui ela tenta derrubar o oposto que seria o fato de que a ausência desse corpo reproduz e reafirma o lugar-comum do corpo feminino, mas ao invés de pensar uma saída que liberte os dois corpos ela apela para o encaixe deles em uma noção normativa de sociedade.

E também penso essa crítica à minha área principal de pesquisa, a educação, e como as teorias negras que estão sendo articuladas dentro do nosso campo são aquelas que se propõe enquanto manuais de reconhecimento dos sujeitos negros dentro dos termos sociais normativos e que reproduzem “sem perceber” a liberdade contingente política ao tentar colocar o sujeito negro na mesma categoria dos outros sujeitos normativos com discursos de “somos todos iguais”, ou “somos todos diferentes” e vamos respeitar isso a partir das mesmas barreiras que estabelecem a liberdade contingente. Bem a pergunta nessas aulas ao invés de ser por que excluimos tal aluno, vamos incluí-lo nos nossos círculos de convívio? Poderia também ser porque normalizamos a nós mesmos? O que nos constitui enquanto norma do mundo? E por que concordamos e reproduzimos isso que é também uma sequência linear e histórica de limitações de nossas expressões individuais?

3. Considerações Finais, Perguntas...

Ainda que não desejamos levantar a afirmação da raça como uma promessa de redenção dos povos racializados - em retorno às suas origens ou reconhecimento de territórios imagetivamente racializados - devemos levar em consideração que existe uma violência muito grande no Brasil contra mulheres, mas quando a gente coloca raça nessa equação, a gente vê que a maior parte das mulheres assassinadas no Brasil são racialmente delimitadas, como pretas, pardas ou indígenas. A mesma coisa vai cair para pessoas trans e travestis. Se a gente pega pessoas pobres, a maior parte são racializadas. Então a raça se torna, em algum nível, o significante da violência. É óbvio que a violência existiria apesar da raça, mas a raça é o elemento pelo qual a violência se autoriza e é justificada mais facilmente e se combina mais facilmente com outros elementos, veja bem, não estamos aqui tentando criar uma hierarquização de violência pois como já expressado anteriormente não há diferença na ação violenta, na produção violenta, mas a forma como a sociedade vai lidar com essa violência depois muda de acordo com a operação racial em jogo.

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

Nesse sentido, ao tentar negar aquilo que produz o que alguns autores criticam como sendo uma ontologia racial, eu acredito que o que o Afro-Pessimismo nos oferece de melhor é uma tentativa de olhar ao mundo de forma radicalmente diferente do que já foi escrito, é uma forma de provocar as bases que nos produziram e tiveram seus motivos e locais históricos de execução, mas que talvez nós devêssemos ter uma outra visão sobre elas.

Uma vez um amigo meu chegou e falou para mim algo que por mais que eu quisesse negar era algo verdadeiro: “A gente só é pessimista porque a gente acredita em outro futuro possível, e não no futuro que está se escrevendo”. É um pessimismo com o que está sendo desenvolvido agora e o que se projeta no horizonte imediato. É como se o (afro)pessimismo fosse uma forma radical de sonhar. Não tem um abandono intrínseco ao pensamento pessimista, tem algo de tensionador. Perguntas que nunca acabam e que de alguma forma são feitas para tornar muros evidentes ou para gerar mais perguntas.

Talvez o que o Afro-Pessimismo nos deixe como lição é que a possibilidade de existência negra não será resultante da afirmação da raça, não virá com a criação de universidades negras, não será com o pedido de inclusão no Estado, não será com a formação da família, não será com nada que estamos propondo, pois essas coisas que citei os Estados Unidos já fizeram e mesmo assim o racismo lá é latente. A libertação do povo negro não virá, porque a sociedade está, sempre-já construída sobre esse elemento racial como um descritivo de distinção social. Não há esperança nenhuma na raça, mas ela pode nos ajudar a perguntar sobre o mundo e a partir das perguntas - e consequentes ações - ruir a normatividade, produzir o que talvez seja o que Fanon chamou de novo humanismo.

Cabe aqui reproduzir as perguntas de Hartman citadas superficialmente nas páginas anteriores e que também encerraram a palestra:

Como a narrativa pode encarnar a vida em palavras e, ao mesmo tempo, respeitar o que não podemos saber? Como alguém ouve os gemidos e gritos, as canções indecifráveis, o crepitar do fogo nos canaviais, os lamentos pelos mortos e os brados de vitória, e então atribui palavras a tudo isso? É possível construir um relato a partir do “lôcus da fala impossível” ou ressuscitar vidas a partir das ruínas? Pode a beleza fornecer um antídoto à desonra, e o amor uma maneira de “exumar gritos enterrados” e reanimar os mortos? Ou é a narração sua própria dádiva e seu próprio fim, isto é, tudo que é realizável quando a superação do passado e a redenção dos mortos não o são? E, de qualquer forma, o que as histórias tornam possível? Um jeito de viver no mundo no rescaldo da catástrofe e da devastação? Uma casa no mundo para o ser [*self*] mutilado e violado? Para quem - para nós ou para elas? (Hartman, 2021, p. 109).

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

O que Hartman nos convida é a perceber de fato se não estamos produzindo aquilo que Warren chamou de violência excedente, se nosso desejo (reprimido) de busca pela ancestralidade, pelas histórias, pelos arquivos queimados em algum nível não perturbam aqueles que não tem mais como se defender e que serão articulados, se não tivermos cuidado, como mais um exemplo dos limites possíveis do corpo negro habitar.

Em diálogo com Hortense Spillers nos faz questionar a quem e por que exigimos um reconhecimento racial tão marcado enquanto identidade ao invés de entendermos como a raça é uma produção original do capital que está reproduzindo constantemente a violência que a instituiu como produtora do mundo em que nos encontramos.

Em diálogo com Warren nos convida a desestruturar o mundo que não percebemos que reproduzimos quando nos atentamos apenas à raça e esquecemos de várias outras estruturas das quais a raça também se alimenta - por mais que não queira assumir - e que consequentemente também desestabilizam o mundo normativo, convidando ao debate não apenas quem sofre a violência, mas quem a produz também.

O que me provoca e me faz acreditar que a teoria pessimista está “fazendo seu trabalho” é entender o caráter desestabilizador dessas ideias, aliado a um caráter de denúncia muito dedicado ao seu objeto - violência racial - está gerando incômodo e cada vez mais textos que, assim como este, experimentam outras formas de ver e pensar as relações entre teorias raciais e perspectivas sempre-já pessimistas uma vez que são sempre-já raciais e não escapam daquilo que tentam superar: a violência justificada pelo corpo negro independente do que seja feito para alterar isso.

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

Referências

- AFRO-PESSIMISM, An Introduction.** Minneapolis: racked & dispatched, 2017.
Disponível em: <https://rackedanddispatched.noblogs.org/pdfs/>. Acesso em: 18 maio 2025.
- APPLE, Michael Whitman. **Educação e poder.** Petrópolis: Editora Vozes, 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção.** São Paulo: Edusp, 2007.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade:** a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros:** os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FANON, Frantz. **Por uma Revolução Africana:** textos políticos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- FANON, Frantz. **Peles Negras, Máscaras Brancas.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FANON, Frantz. **Os condenados da Terra.** Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- GAYÃO, Nicolau. Diante da Grande Ferida: O Conceito de Amor em Frantz Fanon. Dossiê Turismo: entrecruzamentos de cultura, memória e desenvolvimento. **Arquivos do CMD**, Volume 8, N.1. Jan/Jul 2020
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Raça, cor e outros conceitos analíticos. In: PINHO, Araújo Osmundo; SANSONE, Livio (org.). **Raça:** novas perspectivas antropológicas [online]. 2nd ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008, 447p.
- HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. In: BARZAGHI, Clara; PATERNIANI, Stella Z; ARIAS, André (org.). **Pensamento Negro Radical:** Antologia de ensaios. São Paulo: Crocodilo; São Paulo: N-1 edições, 2021. p. 105-130.
- HARTMAN, Saidiya. **Vidas Rebeldes, Belos Experimentos:** Histórias Íntimas de Meninas Negras Desordeiras, Mulheres Encrenqueiras e Queers Radicais. São Paulo: Fósforo, 2022.
- HOOKS, bell. **A gente é da hora:** homens negros e masculinidade. São Paulo: Editora Elefante, 2022.
- KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem:** a origem do trabalho livre no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2019

UMA RECUSA DA CATEGORIA É POSSÍVEL NO AFRO-PESSIMISMO?

ROBINSON, Cedric James. **Marxismo Negro**: a criação da tradição radical negra. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2023.

SILVA, Denise Ferreira da. **Homo modernus - Para uma ideia global de raça**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2022.

SILVA, Denise Ferreira da. O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). **Histórias Afro-Atlânticas**: Antologia. São Paulo: MASP, 2022.

SPELLERS, Hortense. J. Bebê da Mamãe, do Papai Talvez: por uma nova gramática estadunidense. In: BARZAGHI, Clara; PATERNIANI, Stella Z; ARIAS, André (org.). **Pensamento Negro Radical**: Antologia de ensaios. São Paulo: Crocodilo; São Paulo: N-1 edições, 2021. p. 29-70.

WARREN, Calvin. Onticídio: Afropessimismo, Teoria queer e ética. **Revista Periódicus**, v. 2, n. 16, p. 172-191, 2021.

WILDERSON III, Frank B. **Afro-Pessimismo**. São Paulo: Editora Todavia. 2021



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.